



UMA ANÁLISE DO FILME VISTA MINHA PELE SOB A ÓTICA DO “EMBRANQUECIMENTO” SOCIAL

Igor Fernando de Queiroz Souto¹; Wochiton Ramos Lopes Pereira².

1-Psicólogo pelas Faculdades Integradas do Norte de Minas – FUNORTE. Membro Aspirante da Associação de Terapia Familiar – ATFMG. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Escolar e Educação Inclusiva – GPPEEI.

2-Psicólogo pelas Faculdades Integradas do Norte de Minas – FUNORTE. Cofundador do Grupo de Estudos Coletivo Negro MG. Membro da Comissão de Relações Étnico-Raciais do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais – CRPMG.

Introdução

Desde tempos remotos, a sociedade demonstra diversas formas de se negar a cor da pele e da raça, atribuindo ajuizamentos de menor ou maior valor quando comparadas. Pode-se sugerir que tal movimento suscitou o desejo pelo “embranquecimento” da sociedade, visto sob o prisma de transformar corpos negros em corpos brancos, a partir dos processos de subjetivação do imaginário e do simbólico. Esse fenômeno tem sido retratado pelo cinema através dos seus diversos recursos de linguagem e imagem, cuja produção ratifica a visão da pele negra de forma negativa, propondo uma leitura em que a pele branca é considerada superior, quando disponibiliza aos negros papéis secundários em suas produções.

Objetivo

Analisar o discurso presente no filme “Vista minha pele” do diretor Joel Zito, de 2011, que utiliza a estratégia da inversão de papéis étnico-raciais, quando apresenta pessoas de pele branca vivenciando situações cotidianas de estigmatização devido à cor da pele.

Materiais e Métodos

A análise foi realizada por meio da teoria psicossociológica das relações étnico-raciais, quando foram identificados elementos do imaginário e do simbólico.



Resultados

Foi possível identificar que a vivência cotidiana por pessoas com a pele branca “vestida de pele negra”, podem possuir configurações diferentes no imaginário e no simbólico das pessoas com a pele negra, fatores que contribuem para o “embranquecimento” social.

Conclusão

O preconceito racial é contra o negro que se reveste de uma invisibilidade posta na sociedade brasileira, em que todas as características positivas de um mundo de sucesso pertencem ao branco, tornando o negro um estrangeiro em sua própria terra. Se o negro não se enxerga no lugar por não possuir uma imagem negra para se espelhar e se orientar, existe para muitos a ilusão ou a fuga dessa rejeição ao se declararem como brancos, como muitos são tratados pela classe dominante ao alcançarem uma ascensão econômica ou a fama. O cinema, assim como outro veículo de massa, a televisão, sempre mostrou o negro em papéis subalternos. Ao contracenar com brancos dificilmente se encontrava numa posição de igualdade, como um casamento inter-racial, uma promoção numa empresa ou uma posição social elevada. A construção da identidade, individualmente passa por uma construção simbólica que se apresenta em oposição ao “eu” real.